

Histórias do antigo manguezal

Nos anos 60, muita gente foi atraída pela oferta de empregos e a vida do bairro se transformou

Tudo começou no mangue na Ilha de Monte Belo. O processo de formação da região teve início em meados dos anos 20, época em que o governo retomou as obras para a ampliação do espaço urbano de Vitória.

Com a intenção de desafogar a pressão exercida pelo crescimento populacional na capital, começaram a ser feitos aterros nas áreas baixas e de manguezais.

De acordo com informações do livro "Ilha de Santa Maria e Monte Belo", de Luciano Ventorim e David Protti, os primeiros moradores da Ilha de Monte Belo começaram a chegar na década de 40, vindos principalmente do interior do Espírito Santo e de estados vizinhos.

Naquela época, a ilha abrigou uma das residências mais representativas do lugar - a da família Nicoletti, proprietária da antiga Fábrica de Tecidos de Jucutuquara. Em 1940, a casa passou a sediar o Asilo dos Velhos.

Já nos anos 60, a vida do bairro começou a se transformar. Muitas pessoas se mudaram para lá atraídas pela oferta de empregos de indústrias que se instalaram na Grande Vitória.

Viver na Ilha de Monte Belo não era fácil. Não havia água encanada nem iluminação. Os moradores conseguiram água na lavanderia do Hotel Estoril, que funcionava na avenida Vitória, ou numa torneira pública dentro do bairro.

Faculdade e asilo: tradição

Quando se pensa em Ilha de Monte Belo, duas instituições vêm à mente das pessoas: o Asilo dos Velhos e as Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa).

Fundada em 1940 pelo então interventor federal major João Púnaro Bley, a Sociedade de Assistência à Velhice Desamparada, mais conhecida como Asilo dos Velhos, é mais que um abrigo para os idosos pois, além de uma casa, possibilita que eles recebam o carinho da sociedade.

A residência da família Nicoletti serviu de espaço para a instalação do asilo, que antigamente ficava sob os cuidados das irmãs Cambonianas.

Hoje, com 128 idosos entre 60 e 96 anos, o asilo é coordenado pelas irmãs da congregação São Vicente de Paulo.

Ao contrário do que alguns pensam, os idosos não passam os dias ociosos e tristes. Todas as horas são preenchidas com atividades manuais, como cuidados com a horta, ajuda na cozinha,



O aterro da região, apesar de ter sido iniciado pelo governo, teve que ser continuado pelos próprios habitantes. Em vez de terra, eles utilizaram o pó-de-serra, pois havia muitas serrarias na região e, além de ser um material barato, muitas vezes era conseguido gratuitamente.

A Ilha de Monte Belo foi marcada pela religiosidade de seus moradores. Isso se deve, por um lado, por causa da origem rural de parte dos habitantes e, por outro, devido à presença das irmãs Cambonianas, que cuidavam do Asilo dos Velhos.

A origem rural ainda rendeu à Ilha uma intensa atividade cultural. Ficaram famosas as festas juninas do bairro, bem como os tocadores de acordeão. O teatro também fez parte da vida do lugar durante muito tempo, graças às encenações promovidas pela comunidade católica.

Algumas "figuras" ficaram na memória dos moradores, como Maria Benzedeira e Augusta Mendes, uma parteira que morou na região de Jucutuquara e que estava sempre na Ilha para trazer novas crianças ao mundo. Augusta, inclusive, virou nome da primeira rua calçada do bairro.

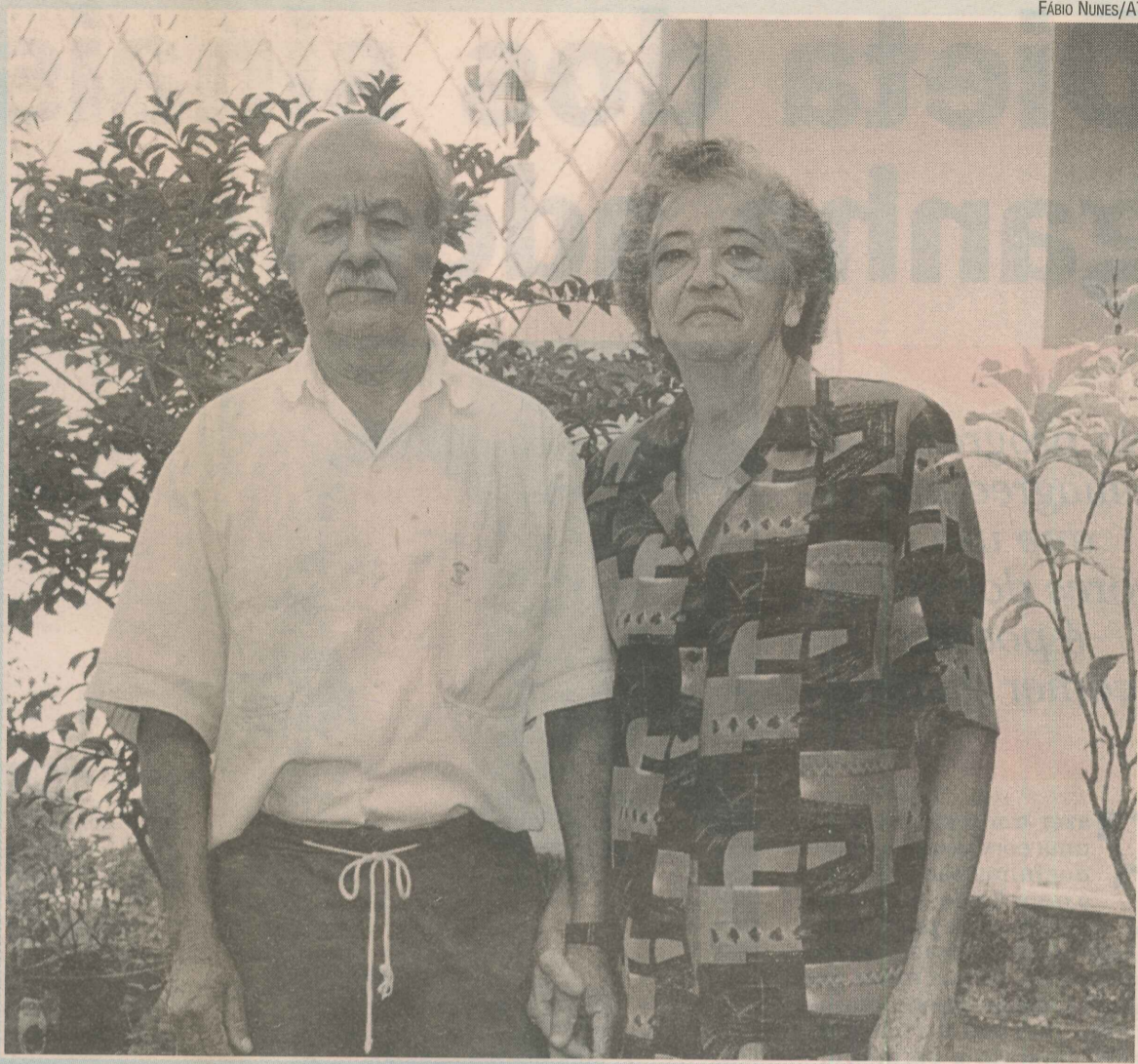
aulas de bordado, croché, pintura em tecido e alfabetização.

Todos os vovôs e vovós contam com assistência médica, odontológica e religiosa. Um capelão celebra a missa diariamente no asilo.

Quem quiser fazer doações para o asilo basta depositar qualquer quantia na conta do Banestes Central nº 182629-6, agência 104, ou pelos telefones 223-3678 e 323-2929.

Já as Faculdades Associadas do Espírito Santo (Faesa) têm a Ilha de Monte Belo como endereço desde 1976. Segundo seu fundador, Antário Alexandre Theodoro, na época em que o terreno foi comprado, muita gente não acreditou que o negócio fosse dar certo.

"Meu sócio, padre Ceotto, disse que eu tinha adquirido um infeliz elefante branco, porque o lugar era longe de tudo. Na época, paguei 638 mil cruzeiros pelo terreno, com duas construções, que pertenciam às irmãs Cambonianas", lembrou.



O casal Evilásio e Cecília se mudou para Monte Belo ainda na década de 50

Tardes de pescaria e viagens

Dizem os moradores mais antigos que a Ilha de Monte Belo recebeu este nome porque, além de ter sido mesmo uma ilha, todo mundo que subia o morro localizado no bairro suspirava com a paisagem. "Que monte belo!", diziam.

Do mangue ao asfalto, muita "água" rolou no local. Tardes de pescaria, viagens de canoa, cata de caranguejo e ensino da religião. Tudo isso fez parte um dia do cotidiano da Ilha.

A aposentada Belina Maria da Conceição, 75, mais conhecida como "Dona" Bela, chegou na década de 60 ao bairro, vinda de outra ilha: a do Príncipe.

Quando chegou em Monte Belo, tudo ainda era mangue. "No final da rua Augusta Mendes tinha uma ponte que saía na Ilha de Santa Maria. Aqui era assim: metade mangue, metade rua".

Segundo Belina, apenas seis

famílias habitavam a rua naquela época. Apesar de hoje ser apaixonada pelo bairro, quando se mudou para lá chegou a fazer promessa para São Benedito para conseguir ir para outro lugar.

"Antes não tinha nada aqui, nem água nem luz, só alguns vizinhos. Hoje, não troco a Ilha por nada. O bairro é muito bonito, tranqüilo", ressaltou.

O casal Evilásio Ferreira dos Santos, 76, e Cecília de Paula Santos, 70, se mudou para Monte Belo ainda na década de 50. Os dois foram os proprietários de uma das primeiras casas da rua Augusta Mendes.

"Como era tudo água, meus filhos gostavam de tomar banho quando a maré enchia. Tinha até um quebra-mar, onde ficavam parados os botes de pescaria. As pessoas pegavam muitos peixes aqui para se alimentarem", lembrou Evilásio.

As primeiras catequeses do bairro aconteceram no quintal de Cecília. As irmãs Cambonianas desciam do morro onde fica o Asilo dos Velhos, atravessavam o mangue, e iam até sua casa.

"Elas ficavam com o manto branco todo molhado de lama. As crianças se sentavam no meu quintal e a catequese era feita em meio à lama. Também me lembro do teatrinho que a comunidade fazia sempre. Todo mundo participava", disse Cecília.

Já o mecânico Silênio da Costa Viana, 58, mora desde os 4 anos no bairro. Ele contou que no morro do Asilo havia antes diversos cajueiros, mangueiras, embaúbas e bambuzais.

Para conseguir água, Silênio disse que as pessoas formavam filas de latas em frente à torneira pública. "Os moradores deixavam as latas lá e iam para casa dormir um pouco, até chegar a sua vez", lembrou.

Condições sujeitas a alteração sem prévio aviso.

CONTAUTO
CONSORCIO CARINHOSO

Não dá para esconder a satisfação por um bom negócio.
Convênio AMES/Consórcio Carinhoso Contaauto

VEÍCULO	CRÉDITO	MENSAIS
Uno Mille EX (2 portas)	11.256,00	60x 219,97
Ka 1.0 básico (cat. H031)	13.079,72	60x 255,61
Fiesta 1.0 básico (cat. A071 - 3 portas)	13.633,72	60x 266,44
Escort GL (cat. E510 - pint. met.)	24.536,92	60x 479,52

• NADA DE JUROS • FRETE INCLUSO
• As melhores taxas de administração
• Sem taxa de adesão

Esse é Capixaba
200-3333

Vitória	Sta Maria de Jetibá	João Neiva	Guaçu	Guarapari	Ilma	Cachoeiro	Campo Grande	Colatina
200-3333	263-1279	258-1249	553-1415	361-5599	543-1181	200-5553	200-2313	722-3077